

“A FESTA”, DE RUBEM FONSECA: ENTRE APARÊNCIAS E EXISTÊNCIAS

Renata Cristina Duarte¹

RESUMO: Partindo de reflexões da crítica literária a respeito do renomado autor brasileiro Rubem Fonseca e mobilizando elementos do referencial teórico-metodológico da Semiótica francesa, que muito pode contribuir com a investigação de textos literários, objetivamos analisar o conto “A festa” presente na obra *Amálgama* (2013). Rubem Fonseca é reconhecido como um autor que aborda em seus textos temáticas, como a da violência, que deslindam a complexidade do homem e das relações intersubjetivas na sociedade contemporânea. Pretendemos, assim, observar como o sujeito narrador do referido conto manifesta formas de vida subordinadas ora à moral social instituída, ora à ética pessoal, a qual é regida por valores próprios e, nesse caso, revela-se por meio de comportamentos transgressores. Ao final, espera-se que a abordagem do texto em questão possa contribuir de maneira significativa com a fortuna crítica do autor.

PALAVRAS-CHAVE: conto brasileiro contemporâneo; Rubem Fonseca; formas de vida.

ABSTRACT: Starting from reflections of literary critic about the renowned Brazilian author Rubem Fonseca and mobilizing elements of the theoretical and methodological framework of French Semiotics, which can contribute to the investigation of literary texts, we aim to analyze the tale “A festa” present in the work *Amálgama* (2013). Rubem Fonseca is noted as an author who approaches in his texts thematic, such as violence, that unravel the complexity of human being and inter-subjective relationships in contemporary society. We intend, therefore, to observe how the narrator subject of the referred tale manifests forms of life subordinated to instituted social moral or to personal ethics, which is regulated by its own values and, in this case, reveals itself through transgressive behaviors. In the end, it is expected that the approach of the text in question can contribute significantly to the author's critical fortune.

KEYWORDS: contemporary Brazilian tale; Rubem Fonseca; forms of life.

Introdução

Sabe o que é ficção? É quase a mesma coisa que realidade; é uma realidade sem visões falsas. A ficção parece absurda porque é a realidade despojada de todas as mentiras (GIUDICE, 1985, p. 57).

A obra de Rubem Fonseca é constituída, sobretudo, por narrativas que abordam temáticas relacionadas à vida cosmopolita, ao esfacelamento dos valores do homem contemporâneo, às tramas policiais repletas de violência, por meio da representação de gestos hediondos e muitas vezes eróticos. É nesse sentido que desponta a imprevisibilidade de sua narrativa associada à estética da brutalidade, pois o enunciatário-leitor, embora acostumado com as cenas de violência representadas nos *faits-divers* dos jornais ou, muitas vezes, na própria literatura, é impactado pela perversidade e hostilidade demonstrada pelos sujeitos do enunciado,

¹ Pós-doutoranda do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo-SP, Brasil, com bolsa PNPd/CAPES. Endereço eletrônico: duarte.renatac@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3211924274356043>.

o que destoa do relato ordinário e cotidiano. A soma desses aspectos atinge o enunciatário-leitor, causando-lhe surpresa, espanto e estranhamento.

O texto literário de Rubem Fonseca se mostra, assim, um objeto de estudo relevante, pois, constitui-se em material para estudo e compreensão de aspectos da cultura brasileira e, mais especificamente, do homem brasileiro contemporâneo, posto que permite o resgate de práticas semióticas que ocorrem entre sujeitos ou mesmo entre sujeitos e objetos, práticas essas que são fundamentais para imprimirem modos de fazer, pensar e sentir o cotidiano, ou seja, verdadeiras formas de vida.

A noção de “formas de vida” é oriunda da Semiótica francesa, e foi plenamente estudado por autores como Algirdas Julien Greimas e Jacques Fontanille (2014), Fontanille (1993, 2015), e evidencia os modos como os indivíduos e as coletividades percebem o mundo e dão a conhecer suas concepções de existência. As formas de vida são compreendidas como um modelo cultural, uma visão de mundo que representa determinada coletividade e que regula a continuidade, por meio de escolhas coerentes, de uma narrativa identitária ao longo de um percurso existencial. Refere-se, portanto, ao modo pelo qual os sujeitos apreendem o mundo e manifestam seus valores e suas formas de ser e viver.

Com base nesses pressupostos, tomamos o conto “A festa” da obra *Amálgama* (2013) do autor brasileiro contemporâneo Rubem Fonseca como objeto de análise deste artigo. Objetivamos apreender como se dá a construção da identidade do sujeito protagonista, narrador do conto. Esse sujeito desdobra-se entre valores da moral social, plenamente instituídos na sociedade por meio de normas e preceitos, valores esses que apontam para uma forma de vida da tradição, e entre valores da ética pessoal, os quais amparam comportamentos hediondos e revelam uma forma de vida da transgressão, evidenciando, então, a complexidade dos seres. Almeja-se, ao fim da análise, que os resultados obtidos ofereçam dados que auxiliem na compreensão da força de impacto do texto investigado, fornecendo elementos específicos para a sua avaliação crítica.

1. Considerações acerca da produção ficcional de Rubem Fonseca

Rubem Fonseca, como reconhecem diversos críticos literários, é elevado à categoria de um dos mais renomados ficcionistas contemporâneos que desfruta de um merecido reconhecimento nacional e internacional. Ele se destaca no panorama literário brasileiro

contemporâneo pela sua inegável capacidade de absorver a realidade social e reconstruí-la em cenas, diálogos e personagens. É produtor de uma narrativa veloz, irreverente, que tematiza a violência, o erotismo, construída em estilo contido, seco e objetivo.

Esse autor é reconhecido como especialista na narrativa curta. Para Antonio Candido (1989, p. 210-211), o conto representa o melhor da ficção brasileira e Rubem Fonseca se destaca nessa forma de narrativa pela capacidade de recriação do real junto a técnicas inovadoras, por isso Candido qualifica o escritor como o grande mestre do conto no contexto da produção brasileira. O crítico literário Alfredo Bosi (1974, p. 08) afirma que o conto é o lugar em que “situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo” ocorrem; desse modo, o conto tem narrado situações típicas da vida brasileira contemporânea — como, por exemplo, a violência ou mesmo a penúria, a miséria brasileira — de forma aguda, enfática.

A sociedade contemporânea está marcada, de acordo com Domício Proença Filho (1995, p. 35), pelo esfacelamento dos valores, pela descrença e frustração diante da realidade presente que, no processo de modernização, ampliou o processo de desumanização, eliminando a sua esperança de futuro e assumindo “a passividade do conformismo”. Há ainda uma valorização da paixão e do prazer, a “prevalência do impulso e da espontaneidade sobre a razão” (PROENÇA FILHO, 1995, p. 35) e esse ser espontâneo é seduzido ao consumismo cujas “mercadorias são tratadas como seres humanos, ou são convertidas em coisas marcadas de beleza excepcional e até em objeto de profundo apego afetivo” (PROENÇA FILHO, 1995, p. 36). Toda essa situação leva o homem contemporâneo a assumir ideologias egocêntricas e individualistas. A sociedade de consumo é “a um só tempo, sofisticada e bárbara” (BOSI, 1974, p. 18) e a arte de Fonseca reage ao horror ou à barbárie dessa realidade com mais horror ainda, produzindo uma obra marcada pela crueza e brutalidade.

Essa crise da contemporaneidade brasileira é recriada por Rubem Fonseca em seus contos e romances, principalmente quando o escritor aborda temas como consumismo, violência, injustiça, sexualidade. O homem aparece no centro das reflexões do autor, o “homem universalmente projetado nas suas dores, angústias e buscas”, o “homem atual, desta época e destes tempos, sempre um ser contraditoriamente civilizado, um produto da vida coletiva e das formas de cultura massificada e, portanto, um pequeno universo intelectualmente condicionado” (PÓLVORA, 1971, p. 41).

Portanto, o autor brasileiro é plenamente reconhecido por abordar em seus textos os desafios enfrentados pela sociedade e pelo homem contemporâneo em meio às desigualdades

sociais e ao caos gerado pela modernidade, sabendo penetrar, com agudo olhar, a complexidade do corpo social, desvelando suas contradições, misérias e grandezas. Mais do que simplesmente desvendar o ato criminoso, interessa a Rubem Fonseca recriar em seus textos cotidiano terrível das grandes cidades. Desse modo, o escritor se debruça sobre a vida contemporânea, reconstruindo-a através da descrição minuciosa, às vezes erudita, às vezes violenta, às vezes erótica, às vezes científica, retratando aquilo que fica às margens da sociedade e descrevendo o homem emaranhado numa rede de relações políticas, sociais e econômicas em crise.

A estética de Rubem Fonseca é, pois, a estética do feio, do grotesco e da violência. Consoante Afrânio Coutinho (1979, p. 27), os contos de Rubem Fonseca, em geral, expõem casos que poderiam ser retirados *do fait-divers* dos jornais de todo dia: casos de violência sexual, sedução, assassinatos, roubos, assaltos, exploração da mulher, corrupção social, problemas da juventude, exploração de menores, tráfico de tóxicos, violências de toda a sorte, isso e muito mais é exposto sem reservas pela imprensa falada, televisionada ou escrita, com a maior riqueza de detalhes e informações precisas. Assim, evidencia-se a importância dos estudos dos contos de Rubem Fonseca para o entendimento de aspectos da sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, Rubem Fonseca possui uma tendência denunciadora da realidade social alinhada a uma estética denominada, por alguns teóricos, ora como realismo feroz (MOISÉS, 2001, p. 377), ora como hiper-realismo (BARBIERI, 2003), ou ainda como neorealismo violento sendo um explorador do “universo urbano e marginal” (BOSI, 2006, p. 423). O autor é identificado, assim, como um dos criadores ou ao menos como um forte disseminador de uma “estética da brutalidade” tematizada pela violência e agressividade que permeiam as relações interpessoais.

Adepto da estética do choque, a violência da narrativa e, principalmente, da palavra, origina uma representação, no plano da expressão verbal, de todo o conteúdo tematizado nos textos, e isso atinge o enunciatário-leitor, causando-lhe surpresa e estranheza. Isso porque nos contos de Rubem Fonseca “a violência acontece inúmeras vezes e nos mais diversos cenários, permeia o crime, o amor, o sexo e o trabalho, e constrói um universo ficcional no qual é um de seus fundamentos”, tal situação é responsável por impactar o enunciatário já que “mesmo para leitores de hoje, parcialmente anestesiados por décadas de violência em literatura, cinema e jornalismo, a perversidade e gratuidade de alguns personagens ainda destoam do relato ordinário e cotidiano” (MONTI, 2011, p. 05). Produção que lhe causa incômodo, estranheza e

fascinação, assim, de forma contraditória, o enunciatário-leitor aceita e rejeita o texto, identifica-se e afasta-se, sensibiliza-se e reflete inteligivelmente.

Ele também agride o leitor pela violência, não apenas dos temas, mas dos recursos técnicos — fundindo ser e ato na eficácia de uma fala magistral em primeira pessoa, propondo soluções alternativas na sequência da narração, avançando as fronteiras da literatura no rumo duma espécie de notícia crua da vida (CANDIDO, 1989, p. 210).

Em síntese, Rubem Fonseca possui uma narrativa urbana repleta de brutalidade e de cenas que retratam a miséria dos grandes centros brasileiros, bem como de seus habitantes. Sua linguagem é reconhecidamente crua, direta, enxuta e muitas vezes repleta de vocábulos obscenos e com marcas da oralidade. As personagens retratadas pelo autor vivem em meio às desigualdades sociais e ao caos gerado pela modernidade; são, por isso, marcadas pela solidão, resultado de uma sociedade dilacerada. O autor traz para a cena sujeitos marginais, a corrupção dos sistemas políticos, a violência e o erotismo.

Dessa forma, suas narrativas se fundam sob a marca da transgressão. Transgressão que se realiza simultaneamente em dois níveis. No nível do conteúdo, pela recriação e transfiguração, por meio da linguagem, da sina cotidiana e pela vulgarização do tema da violência que aparece, no contexto da obra, muitas vezes, como uma válvula de escape, uma maneira de aliviar-se das tensões e insatisfações, caracterizando a crise e o esfacelamento dos valores sociais e, conseqüentemente, do sujeito. Transgressão também no nível da expressão, representada no próprio estilo de construir suas narrativas, visto que o autor articula ora um ritmo narrativo mais compassado, agradável e desacelerado, ora um ritmo vertiginoso, associado ao momento em que há uma quebra, uma transgressão do que vinha sendo descrito, originando o efeito de sentido de choque no enunciatário-leitor tendo em vista o absurdo inesperado que é então exposto. Considerando tais reflexões, partimos para a análise do conto, objeto de estudo do presente artigo.

2. Uma abordagem analítica do conto “A festa”

No conto “A Festa”, objeto de análise, o enunciador projeta no texto um sujeito, José, em primeira pessoa, o qual está encarregado da narrativa, de modo que o enunciatário-leitor apreende os fatos delineados na história da perspectiva desse sujeito, criando, assim, o efeito de sentido de subjetividade e de proximidade da instância enunciante. José, enquanto sujeito do

nível narrativo, executa um fazer, o de relatar a história em que rememora sua presença em uma festa e eventos que se desenrolaram naquela ocasião.

O enunciado introdutório do texto permite entrever tais circunstâncias: “Existe alguma coisa mais aborrecida do que uma festa? **A festa a que me refiro** não era de aniversário, nem de casamento, ou qualquer comemoração ou solenidade em que se celebra alguma coisa” (FONSECA, 2013, p. 85, grifos nossos). Como se observa no trecho destacado, há no texto um narrador, José, que se manifesta no presente da enunciação e que, progressivamente, vai apresentando, por meio de seu relato, os demais sujeitos envolvidos na narrativa em questão, bem como as circunstâncias em que a festa se desenrolou:

Quem eram as pessoas que frequentavam aquele tipo de festa? Parentes do...como chamarei a figura que oferece essa reunião recreativa? Festeiro? No caso era uma festeira, que deu o golpe do baú – ninguém sabe como conseguiu, ela era e continua sendo, apesar de todas as cirurgias plásticas que efetuou, um bucho -, depois ficou viúva e gosta de exibir suas joias, além de seu apartamento de luxo [...] A festa era na mansão dessa viúva muito rica, que morava sozinha e tinha apenas uma filha, com quem não se dava. Na mansão eram servidas as melhores bebidas, as melhores comidas e, ainda por cima, os convidados que comparecessem recebiam um brinde (FONSECA, 2013, p. 85-86).

Concomitante a sua narrativa, por meio da qual José dá a conhecer fatos que transcorreram ao longo da festa, o narrador expõe também suas constatações acerca desses eventos sociais e das pessoas que frequentam tais reuniões, pois, como ele afirma, gosta das pessoas, como entrevisto em “Mas voltando à minha pergunta: quem são as pessoas que frequentam essas festas? As pessoas são sempre interessantes. Sou fascinado pelas pessoas, gosto de imaginar o que fazem, o que sentem, suas angústias, ambições” (FONSECA, 2013, p. 86).

Desse modo, a narrativa construída como um relato, um diálogo que o narrador estabelece com seu narratário, como visto em trechos semelhantes a “Bem, daqui a pouco eu conto” (FONSECA, 2013, p. 86), entremeia a rememoração dos fatos que se desenvolveram naquela festa e os comentários que o sujeito responsável por contar a história, no caso José, faz tanto sobre o acontecido como sobre as pessoas envolvidas na situação. Considerando, então, todas as ponderações apresentadas por José entremeadas à própria narrativa, observa-se a construção de uma metanarrativa ao se destacar no texto um narrador que comenta, constata e pondera sobre todos os fatos que ele mesmo relata, ou seja, há uma narrativa na própria narrativa.

Tendo em vista a indiferença manifestada por José com relação a tais eventos sociais, como ele mesmo afirma em “Existe alguma coisa mais aborrecida do que uma festa?” (FONSECA, 2013, p. 85), o texto permite entrever que sua presença ali não se dá pelos mesmos motivos que a maioria dos sujeitos, algo diferente o motiva:

Todo mundo gosta de comer de graça, a comida é mais gostosa, as bebidas mais saborosas, os doces mais deliciosos. Eu não gosto de comer, não gosto de beber, não gosto de doces. Então, o que eu fui fazer nessa festa? Bem, daqui a pouco eu conto (FONSECA, 2013, p. 86).

Como único sujeito em posse das informações e dos fatos transcorridos naquela festa, o narrador do conto gerencia os saberes de acordo com suas estratégias narrativas. Assim sendo, faz uso do suspense na construção do seu relato, o qual tem início quando ele afirma “Bem, daqui a pouco eu conto” (FONSECA, 2013, p. 86), instaurando uma tensão ao manter algo em segredo, adiar o relato do que está por vir, despertando a curiosidade do enunciatário-leitor. A narração adquire uma nuance de mistério e a resolução dessa situação se estende, se prolonga, o suspense adquire uma aspectualidade durativa e crescente, que se intensifica no desdobramento da história para causar a surpresa no enunciatário até a revelação do acontecimento final. O narrador continua:

Muitas não estavam ali pela boca-livre. Há quem não goste de ficar em casa, pessoas que não gostam de ler, de ver filmes, de ver televisão, que moram sozinhas e sofrem com a solidão. Outros gostam de ter uma oportunidade de se enfeitar, como as mulheres – já vão dizer que sou misógino –, elas gostam de mostrar suas joias, seus adereços, seus vestidos novos (FONSECA, 2013, p. 86).

Como entrevisto no excerto acima, o sujeito José possui consciência dos comportamentos estereotipados dos sujeitos, o que se relaciona a uma crítica aos valores do sistema capitalista. Nessa sociedade, as relações sociais são cada vez mais limitadas e escassas, como demonstram as figuras “moram sozinhas”, “sofrem com a solidão”, tematizando a solidude, o estado de alma que marca muitos desses sujeitos. Relações essas marcadas também, muitas vezes, por comportamentos massificados, em que as pessoas assemelham-se a objetos de consumo ou deixam-se tomar por valores do universo do consumo, gerando vivências baseadas na ostentação, como ilustrado em “outros gostam de ter uma oportunidade de se enfeitar”, “elas gostam de mostrar suas joias, seus adereços, seus vestidos novos”, em que as figuras “se enfeitar”, “joias”, “adereços”, “vestidos novos” remetem ao tema do exibicionismo e do luxo como característica necessária para se incorporar ao grupo social. Ou seja, a busca da

aparência impede o encontro da essência e isso instaura o vazio nas relações humanas estabelecidas nesse grupo.

Contudo, o narrador após apresentar os atributos que constroem o perfil das mulheres associadas a esse círculo social afirma, de maneira sarcástica, “já vão dizer que sou misógino” (FONSECA, 2013, p. 86), característica de pessoas que sentem aversão às mulheres, pressupondo que seria assim moralizado pela insensível constatação que faz a respeito das mulheres que estão manipuladas pelos valores do sistema e que integram esse grupo.

Dando sequência aos fatos que compõem a narrativa, José inicialmente apenas observa tudo que se desenrola ao longo da festa e ao seu redor, tentando manter um mínimo de interação com outras pessoas, uma vez que, como ele mesmo deixa claro, estava presente ali porque possuía um propósito:

Na festa, desde logo fiquei atraído por uma mulher bonita, mas que tinha o rosto carregado de sombras. Todavia ninguém parecia perceber isso. Tive vontade de abordá-la, mas eu tinha que ficar focado no meu objetivo. Outra figura estranha era uma mulher corcunda, quer dizer, não exatamente corcunda, seu corpo era curvado para frente, contraído como se o tórax tivesse sido encurtado. Essa era mais fácil. Parei ao seu lado e contemplei-a, de maneira que ela percebesse (FONSECA, 2013, p. 86).

Em meio às observações e constatações do narrador, o texto permite inferir alguns traços de sua subjetividade. Mesmo reforçando a necessidade de permanecer “focado”, o sujeito se deixa envolver pela figura de duas mulheres: uma mulher bonita, mas que tinha o rosto carregado de sombras, e outra uma figura estranha, uma mulher corcunda. Assim, José ao afirmar ficar “atraído” pela imagem dessas mulheres instaura a isotopia da sexualidade, condizente com o ambiente da festa. Todavia, esses momentos de distração não podem se estender, pois acima do desejo, está o objetivo a ser cumprido, o dever acima do querer, por isso ele afirma “Tive vontade de abordá-la, mas eu tinha que ficar focado no meu objetivo” (FONSECA, 2013, p. 86). Nesse sentido, o narrador gerencia o sensível e o inteligível no seu ser, traços subjetivos de sua personalidade despontam, ele se distrai, se deixa atrair pelas figuras das mulheres, se põe a observá-las; entretanto, a adversativa “mas” expressa a razão se sobressaindo e o dever de se manter focado em seu propósito se ressaltando. A organização do ser desse sujeito se revela, assim, muito mais profunda, ele se mostra um sujeito composto por diferentes facetas e que detém, portanto, uma forma de vida complexa.

Para mais, ao afirmar dever manter-se focado no seu “objetivo”, o narrador reforça o efeito de sentido de suspense, lembrando o enunciatório-leitor de que existe um fato sobre a

festa em questão que permanece desconhecido, gerando expectativa para o que se delinea na sequência.

Paulatinamente, o sujeito José vai revelando suas intenções, bem como as estratégias adotadas para configurar e gerir sua própria identidade em face da figura complementar que é a representação do outro e, assim, manifestar as marcas de pertencimento cultural socialmente convencionadas e, conseqüentemente, integrar-se ao grupo, por mais que em seu ser ele não compartilhe os mesmos valores:

Antes de mais nada, devo dizer que sou um penetra. Para mim é fácil entrar em festas sem convite. Sou elegante, uso roupas caras, meu relógio é um Patek Philippe (uma falsificação perfeita), sei conversar sobre qualquer assunto e, o principal, as mulheres me acham bonito. Quando uma mulher acha um homem bonito ela lhe atribui todas as boas qualidades que um homem perfeito deve ter, especialmente dinheiro (FONSECA, 2013, p. 87).

No trecho acima, é possível vislumbrar claramente a oposição entre o ser e o parecer desse sujeito. O enunciado “devo dizer que sou um penetra” funciona no texto então como um protocolo de abertura para outra compreensão, ou melhor, para um conhecimento mais preciso sobre o verdadeiro ser desse sujeito, ao afirmar ser penetra ele revela já um traço transgressor de sua personalidade. O percurso figurativo composto por “elegante”, “roupas caras”, “Patek Phillipe”, referência a uma famosa e luxuosa marca de relógios suíços, remete ao tema da superioridade social; todavia, a figura “falsificação perfeita” redimensiona as figuras anteriores e revela que tal situação não é autêntica. A oposição entre o parecer e o não ser constitui, de acordo com Greimas e Courtés (2011, p. 532-533),² uma mentira, esse sujeito simula ser algo que de fato ele não é.

Ademais, o “eu” enfatiza sua habilidade para se integrar àquele grupo social ao destacar também sua competência intelectual “sei conversar sobre qualquer assunto” (FONSECA, 2013, p. 87), deixando transparecer sua face instruída, além de sua aparência física – “as mulheres me acham bonito” (FONSECA, 2013, p. 87) –, o que facilita sua admissão no grupo em questão. Desse modo, o texto revela ao enunciatário-leitor que tal sujeito elabora um estilo de comportamento que usa artifícios para se incorporar ao grupo social da elite, como apreendido,

² O modelo citado se apresenta como uma combinação dos valores do *ser* e *parecer* e de suas negações, é entre essas duas dimensões da existência que atua o “jogo da verdade”. Assim, quando há coincidência do parecer e do ser, em um universo de discurso, há “verdade”; a coincidência do parecer e do não-ser define a “mentira”; a do não-parecer e do ser define o “segredo”; enfim, a coincidência do não-parecer e do não-ser define a “falsidade”, conforme Greimas e Courtés (2011, p. 532).

sobretudo, por meio das figuras “elegante”, “roupas caras”, “Patek Phillipe”, “falsificação perfeita”.

Isso associado a uma consideração anterior do próprio narrador quando esse afirmou que “todo mundo gosta de comer de graça, a comida é mais gostosa, as bebidas mais saborosas, os doces mais deliciosos. Eu não gosto de comer, não gosto de beber, não gosto de doces” (FONSECA, 2013, p. 86), permite a apreensão de traços da personalidade desse sujeito que destoam dos demais indivíduos, reforçando que ele se utiliza de artimanhas para se inserir no grupo. Dito de outra forma, esse sujeito usa estratégias para se integrar e se misturar ao coletivo, como se vestir de maneira elegante; no entanto, algumas características de sua personalidade ganham relevo, por exemplo, não gostar de comer e beber como fazem todos numa festa, demonstrando que sua individualidade se distingue do coletivo, evidenciando, mais uma vez, a complexidade de sua identidade, que oscila entre parecer e ser.

Nessa perspectiva, é possível apreender que o sujeito José se empenha para criar o parecer de uma forma de vida da tradição da elite, a qual é respaldada por valores advindos da moral social, a fim de ser aceito e assimilado ao grupo, ao coletivo. Entretanto, todos esses traços que se avultam de sua identidade, como o uso de falsificações perfeitas para parecer elegante, não gostar de comer e beber igual aos demais, permitem entrever a complexidade de seu ser, isto é, há uma disparidade entre o parecer e o ser desse sujeito, que encerra outras formas de vida.

Em meio a essas situações, José sublinha constatações a respeito das mulheres e das interações afetivas desse grupo social, como entrevisto nos trechos: “Outros gostam de ter uma oportunidade para se enfeitar, como as mulheres – já vão dizer que sou misógino –, elas gostam de mostrar suas joias, seus adereços, seus vestidos novos” (FONSECA, 2013, p 86), destacando como tais relações são baseadas na aparência e em aspectos externos ao ser, como reforçado pelas figuras “se enfeitar”, “mostrar suas joias”, “adereços”, “vestidos novos”, um percurso figurativo que remete ao tema do exibicionismo e da ostentação. Ou ainda como a boa feição de um homem está associada a atributos extrínsecos ou mesmo financeiros, apontando para o caráter superficial e ávido das mulheres, segundo o narrador, que afirma ser apenas “realista” e “ver as coisas como elas são”, conforme o excerto:

Quando uma mulher acha um homem bonito ela lhe atribui todas as boas qualidades que um homem perfeito deve ter, especialmente dinheiro. As mulheres não querem saber de homens pobres. Não pensem que esse é mais um raciocínio misógino, eu não desprezo nem sinto aversão pelas mulheres,

mas tenho que ser realista e ver as coisas como elas são (FONSECA, 2013, p 87).

Ao declarar ser “realista” e “ver as coisas como elas são” fica evidente uma característica desse narrador que perpassa todo o texto, sua capacidade de observar e perceber o que acontece ao seu redor. José, sujeito responsável pela narrativa, faz várias constatações sobre o homem e as relações sociais estabelecidas na sociedade capitalista contemporânea entremeadas à própria narrativa dos fatos ocorridos. Contudo, ele o faz sem emitir qualquer julgamento moralizante desses comportamentos, ele não os avalia; ao contrário, faz todas as suas observações de maneira direta e indiferente. Do mesmo modo, tal sujeito não demonstra sensibilidade ou arrependimento com relação ao que diz e mesmo com relação às ações que desempenha a fim de cumprir seus objetivos, como ficará mais evidente na continuação da narrativa. Essa conduta sensibiliza o enunciatário-leitor, ao perceber a indiferença e insensibilidade desse sujeito.

Dando prosseguimento à explanação sobre os episódios que se delinearão na festa, o narrador José, enfim, revela qual o propósito de sua presença naquele evento:

Eu penetrava naquela festa disposto a seduzir a dona da casa. Não sentia por ela a menor atração, pelo contrário. Mas o fato de sentir pela mulher que quero seduzir uma certa ojeriza facilita o meu trabalho, fico mais paciente, mais frio, planejo melhor a estratégia a ser adotada (FONSECA, 2013, p. 88).

José se apresenta, assim, como um sujeito automanipulado para realizar a performance de conquistar a anfitriã da festa; no entanto, não esclarece ainda o porquê de tal prática. A fim de realizar tal performance seguramente, ele se mostra um sujeito paciente, isto é, que sabe aguardar tranquila e calmamente o momento adequado ao cumprimento de seu propósito e que persiste na realização do seu curso de ação serenamente; mas é, ao mesmo tempo, um sujeito calculista, que age de maneira fria, interesseira e sabe se programar para superar os obstáculos que se apresentam ao longo do seu decurso, como exposto no trecho “planejo melhor a estratégia a ser adotada” (FONSECA, 2013, p. 88).

A viúva, conhecida como Mimi (o seu nome verdadeiro era Raimunda, mas ela considerava o nome feio), frequentava todos os sites da internet, o que facilitou a pesquisa prévia que realizei sobre ela. Não havia qualquer menção sobre seu currículo escolar, o que significava que, quando muito, ela tinha o curso primário. Eram mencionadas principalmente suas viagens e as suas propriedades, em Paris, Nova York e Amsterdã (FONSECA, 2013, p. 88).

Dotado de um querer-fazer e de um saber-fazer, ou seja, realizar a performance prevista, o sujeito José empenha-se na obtenção de informações pessoais referentes à mulher por meio

da “pesquisa prévia” que ele realiza e que lhe proporciona a competência, ou o saber e o poder executar o fazer pretendido. Manipulado e competente, o sujeito do fazer José avança para a efetuação da performance, “Consegui, em determinado momento, sentar-me ao lado de Mimi. Falei que gostava de Amsterdã” (FONSECA, 2013, p. 88).

José aborda o sujeito Mimi e, de posse tanto de conhecimentos relativos à anfitriã como das peculiaridades que atraem uma mulher, estabelece com ela um diálogo no qual eles discorrem sobre a cidade de Amsterdã. Ele apresenta fatos que a deixam admirada, deslumbramento que se intensifica quando José se mostra não apenas um homem bonito e charmoso, mas possuidor de um alto poder aquisitivo, de acordo com o fragmento “‘Qual a sua profissão’, Mimi perguntou. ‘Não tenho profissão’, respondi. ‘Como não tem profissão?’. ‘Sou milionário. Milionário não precisa ter profissão.’” (FONSECA, 2013, p. 89).

Interessante observar o procedimento utilizado pelo enunciador, não apenas nesse trecho, mas em muitos outros ao longo do conto, segundo o qual ele cede a voz aos demais sujeitos envolvidos na história, que narram os fatos segundo sua própria perspectiva. É dessa forma que o diálogo em discurso direto, expresso pelas aspas, se elabora no texto e que, conseqüentemente, confere autenticidade e cria o efeito de sentido de verdade, de que os fatos narrados pelo sujeito José se passaram exatamente da maneira como ele se propõe a contar.

Na sequência, José, enquanto sujeito manipulador, altera a competência do sujeito de estado Mimi, por meio da manipulação por sedução, na qual o destinador José cria uma imagem positiva do destinatário Mimi, como visto na passagem “‘Mimi, perdoe-me se estou sendo indiscreto, mas acho você – repito, desculpe por ser tão inconveniente –, mas acho você uma mulher encantadora’” (FONSECA, 2013, p. 89). O destinador manipulador José não tenta manipular apenas por sedução, mas também por tentação ao oferecer valores positivos ao seu destinatário:

“Sinto vontade de beijá-la.”. Ela fez um sorriso que acreditava ser sedutor. “Eu gostaria de ser beijada por você.”. “É uma pena que não estejamos sós, sem a companhia de tanta gente”, eu disse. “Posso dar um jeito nisso”, ela sussurrou. Sem dúvida estava louca para ter uma experiência sexual; feia como era, devia se satisfazer com um vibrador. “Vou lhe dar uma cópia da chave da porta da frente. Daqui a três horas você volta, vou inventar que estou me sentindo mal e encerrar a festa mais cedo. Não se preocupe com os empregados, todos estão alojados num prédio nos fundos do terreno, isolado da casa principal.” (FONSECA, 2013, p. 89-90).

Assim, José manipula seu destinatário por meio da sedução, ao afirmar ser ela uma mulher encantadora, e igualmente pela tentação, ao prometer a ela prazeres advindos de um

envolvimento físico, para levá-la então a um querer-fazer programado por ele. Completamente manipulada por seu destinador, o sujeito Mimi entrega a ele as chaves que dão acesso à sua casa e que possibilitarão o cumprimento da performance para a qual o sujeito José empenhou-se até aqui.

Quinze minutos mais tarde, com a chave que Mimi colocou dissimuladamente no meu bolso, eu me retirei da festa. Esperei calmamente que as três horas transcorressem. Quando cheguei na mansão, ela estava às escuras. Mas tão logo abri a porta fui recebido por Mimi, que usava uma camisola e conduziu-me imediatamente para o quarto (FONSECA, 2013, p. 90).

José retorna à mansão disposto a cumprir seu objetivo que parece ser o de “seduzir a dona da casa”, instaurando-se, assim, a isotopia da sexualidade mais uma vez. Desse modo, todos os fatos apresentados até o momento – se vestir de maneira elegante, o envolvimento sexual – conformam a prática estereotipada de uma festa, até o acontecimento³ posterior, que causa uma ruptura das expectativas e redimensiona toda a narrativa:

No quarto, ela se desnudou, deitando-se na cama. Eu curvei-me sobre ela e, com a mão direita sob o seu queixo e a esquerda na sua cabeça, fiz uma tração que causou uma lesão na sua medula espinhal. Sua morte foi instantânea. Ela não deve ter sentido qualquer dor (FONSECA, 2013, p. 90).

Revela-se, enfim, o real objetivo de José penetrar aquela festa: assassinar Mimi, a anfitriã, uma viúva rica. A partir disso, evidencia-se toda a complexidade das formas de vida desse sujeito: ele se mostrara até então um sujeito comum, que se esforçava para exibir os mesmos valores daquele grupo social e, assim, se integrar ao coletivo, criando, dessa forma, o parecer de uma forma de vida tradicional, reconhecida e assumida pelo grupo em questão. Contudo, o acontecimento do assassinato impiedoso e frívolo que desponta no enunciado, chocando o enunciatário-leitor, permite a apreensão do perfil frio e calculista desse sujeito, que após penetrar a festa oferecida por essa mulher, aproxima-se estrategicamente dela para assassiná-la brutalmente. O assassinato causa uma ruptura na ordem das previsibilidades e da integridade sintagmática e surpreende o enunciatário-leitor, permitindo-lhe entrever uma forma de vida outra no ser desse sujeito.

A complexidade da identidade desse sujeito por todas as características já destacadas – como as estratégias para se inserir no grupo, não gostar de comer e beber igual aos demais –

³ O acontecimento, na perspectiva da Semiótica tensiva (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001), manifesta-se como uma grandeza estranha que irrompe no campo de presença do sujeito; uma forma semiótica que provoca uma descontinuidade na ordem das previsibilidades do discurso.

associado à prática do assassinato revelam seu perfil psicopata e a forma de vida da transgressão mantida em segredo. Transgressão em relação ao preestabelecido nas normas de conduta que moralizam negativamente aqueles que se desviam dos padrões, o que reforça a necessidade de manter tal forma de vida em segredo.

Interessante observar uma fala anterior do narrador em que ele já deixara implícito a recorrência de práticas escusas, contrárias à lei, em sua rotina, confirmando, então, a forma de vida da transgressão. Quando ele explicita que “penetrava naquela festa disposto a seduzir a dona da casa” por quem não sentia atração alguma, “mas o fato de sentir pela mulher que quero seduzir uma certa ojeriza facilita o meu trabalho, fico mais paciente, mais frio, planejo melhor a estratégia a ser adotada” (FONSECA, 2013, p. 88), a figura “trabalho”, relacionada às figuras “paciente”, “frio”, “planejo”, “estratégia” constroem a isotopia da sistematização, da disciplina na ordenação das etapas do seu trabalho, realizado sempre de maneira persistente, impassível e impiedosa, qualidades da forma de vida transgressiva.

Na sequência, ele precisa retirar-se do local do crime de maneira a não deixar suspeitas sobre ter sido ele o autor do delito:

Revirei armários e coloquei dentro de um saco que carregava no bolso as inúmeras joias que encontrei. Não achei dinheiro, apenas talões de cheque. Deixei tudo revirado. Tinha minhas razões para fazer isso. Antes de sair, abri uma das janelas que dava para um jardim. Também tinha minhas razões para fazer isso (FONSECA, 2013, p. 90).

Após o assassinato de Mimi, José se apodera dos bens materiais da viúva, “joias”, “talões de cheque”, criando o parecer de que o crime fora motivado por interesses financeiros. Ele explica também que deixou tudo revirado bem como uma das janelas disposta para o jardim aberta. Tais estratégias demonstram a racionalidade e a perspicácia desse sujeito, ele revira o quarto e abre as janelas para criar o parecer de algo da ordem do esperado, de um assalto, ratificando que tal sujeito possui consciência sobre o que pode ser revelado e aquilo que deve ser mantido em segredo com riscos de ser negativamente moralizado. Conquanto, chama a atenção o trecho “Tinha minhas razões para fazer isso”, por meio do qual o texto deixa entrever que há ainda outra motivação para o assassinato não exposta por José, visto que ele se preocupa em simular que a morte fora resultado de um assalto, corroborando o efeito de sentido de suspense e de expectativa por outro acontecimento ainda mais impetuoso. A continuação do conto desvela as verdadeiras razões para todas as ações do sujeito e um diálogo impassível conclui a narrativa:

Retirei-me calmamente e, três ruas adiante, peguei o meu carro e fui para a casa de Lucy. Ela me esperava, ansiosa. “Foi tudo bem? Matou a megera?” “Sim.” Peguei o saco com as joias e coloquei à sua frente. “Aqui estão as joias delas. Tive que fingir que o assassino é um ladrão.” “Depois vamos sumir com essa merda, jogar no lixo. Ai, que bom que você matou a megera. Vamos para a cama. José, meu amor, estou morrendo de tesão.” Fomos para a cama. Eu não disse que as pessoas são estranhas? Eu mato a mãe de Lucy e ela fica cheia de tesão (FONSECA, 2013, p. 90-91).

A surpresa que já atingira o enunciatário-leitor anteriormente, quando se depara com a descrição impiedosa e cruel do assassinato de Mimi, é corroborada no excerto exposto acima ao descobrir que a morte da mulher fora solicitada pela própria filha, com quem José mantém um relacionamento amoroso. A revelação desse fato permite rever toda a narrativa, o que faz sobressair uma informação já disposta no início da narrativa de que a viúva rica possuía “apenas uma filha, com quem não se dava” (FONSECA, 2013, p. 86) sendo ela, juntamente com José, os responsáveis pelo planejamento e morte da anfitriã da festa. Após o assassinato, José apodera-se de todas as joias, mas somente para simular que a morte fora resultado de um assalto, pois a fala de Lucy ““Depois vamos sumir com essa merda, jogar no lixo”” revela que o crime não fora motivado por interesses materiais, mas por simples desprezo da filha pela mãe, evidenciando igualmente a indiferença, a frieza e a psicopatia de Lucy. Tais situação confirmam as qualidades da obra de Fonseca: textos que se caracterizam “pelo seu realismo, um realismo feroz, cruel, violento” (MOISÉS, 2001, p. 377), compondo uma estética da brutalidade, pela tematização da violência e agressividade, e do choque capaz de sensibilizar os enunciatários-leitores, mesmo aqueles “parcialmente anestesiados por décadas de violência em literatura, cinema e jornalismo”, visto que “a perversidade e gratuidade de alguns personagens [de Rubem Fonseca] ainda destoam do relato ordinário e cotidiano” (MONTI, 2011, p. 05).

Por fim, o momento do crime, apresentado de modo pontual e breve, é desdobramento da duração, da extensão temporal da situação inicial à final em que o narrador vai fazendo inflexões tônicas ao plano do conteúdo, ao sugerir diversas vezes haver um mistério ainda não explicitado, o que desperta e aguça a percepção do enunciatário-leitor. Transformando a função narrativa em processo, ele consegue fazer com que o enunciatário-leitor manifeste estados de alma de incerteza e ansiedade, garantindo sua adesão intelectual e emocional à história. A perplexidade, provocada justamente pelo impacto sensível, é usada pelo enunciador como recurso de sensibilização de seu enunciatário. Todavia, a narrativa atinge o pico de intensidade máxima no final ao revelar que o crime fora planejado pela própria filha da vítima “Eu mato a

mãe de Lucy e ela fica cheia de tesão” (FONSECA, 2013, p. 90-91), levando, com maior contundência, o enunciatário-leitor à experiência sensível da irrupção do acontecimento.

Considerações finais

Por meio da construção, no presente texto, de um narrador que possui total controle sobre os fatos que ele mesmo narra, é possível observar como acontece a ordenação dos eventos narrados, pois esse sujeito demonstra um domínio cognitivo grande sobre o processo de narração. Evidencia-se a habilidade desse narrador em gerenciar os fatos que ele revela ou não ao enunciatário-leitor, modulando e modalizando o que é narrado, como o fato de a anfitriã possuir uma filha e apenas no final revelar-se ser ela a verdadeira interessada na morte dessa mulher; ou ainda, o ritmo empregado na narração, o qual é inicialmente desacelerado, extenso, e, próximo ao fim, ele se torna célere, intenso. Tais estratégias são cruciais para a construção dos efeitos de sentido de ruptura e de quebra de expectativas e, igualmente, para envolver o enunciatário-leitor e causar nele o efeito de sentido de estranheza e sobressalto.

Ademais, a isotopia da dissimulação estende-se por todo o texto, pois o sujeito esconde suas reais intenções ao longo da narrativa, disfarça seus verdadeiros propósitos. Tal sujeito faz isso seja ao suprimir sua verdadeira identidade ao frequentar uma festa sem apreciar tal situação “Existe alguma coisa mais aborrecida do que uma festa?”, “Eu não gosto de comer, não gosto de beber, não gosto de doces” ou mesmo o fato de ir até lá como penetra e se integrar aparentemente ao grupo “Sou elegante, uso roupas caras, meu relógio é um Patek Philippe (uma falsificação perfeita)”; seja ainda ao ocultar informações importantes no relato “o que eu fui fazer nessa festa? Bem, daqui a pouco eu conto”, “eu tinha que ficar focado no meu objetivo”, “Tinha minhas razões para fazer isso”, o que permite entrever a desfaçatez e o cinismo do seu verdadeiro ser.

Dessa forma, esse sujeito para se integrar ao grupo social delineia um perfil ou modo de ser semelhante aos demais sujeitos e simula uma forma de vida tradicional fundamentada nos valores da moral social, mas que permanece apenas no nível do parecer e restrita aos espaços coletivos, públicos, como o espaço da festa repleto de pessoas. Por outro lado, nos espaços privados, no apartamento vazio, no quarto de Mimi, ele manifesta a forma de vida da transgressão movida por valores volitivos e por uma ética pessoal. É pertinente observar que o

narrador já deixara indicações de tal situação ao longo do texto, ao revelar a complexidade de sua identidade e sua oscilação entre ser e parecer.

Logo, a gestão identitária desse sujeito desdobra-se entre o coletivo e o individual, visto que ele se empenha para dar continuidade ao modelo cultural do grupo no qual se insere, refletindo a experiência das normas, das regras e das práticas ordenadas; contudo, concomitantemente, ele apresenta momentos de enunciações pessoais, causando distorções nas condutas previsíveis em favor de uma concepção de existência singular, subvertendo os padrões em busca de uma ética pessoal. A forma de vida desse sujeito oscila, portanto, entre ser e parecer, entre liberdade e prescrição, entre o que é permitido e o que é interdito segundo os valores axiológicos estereotipados e os padrões que convivem na sociedade representada, entre a ética pessoal e a moral social.

Para mais, é possível ainda fazer uma aproximação entre tal situação e o título do livro onde se encontra o conto analisado, *Amálgama*, substantivo de dois gêneros que designa, segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss*, uma “mistura, reunião ou ajuntamento de elementos diferentes ou heterogêneos, que formam um todo” e que, no presente contexto, faz alusão à heterogeneidade da vida e do ser humano, ressaltando a complexidade do homem. Trata-se, pois, de uma característica do sujeito protagonista do conto, simulacro do ser humano, porquanto a totalidade do seu ser é composta por faces heterogêneas, convivem nesse sujeito diferentes formas de vida, adequadas a espaços distintos, concebidas de acordo com objetivos específicos e que se alternam a fim de parecer completamente integrado às convenções morais e sociais, mas que, em outros momentos, as afronta segundo sua ética volitiva. A narrativa reforça, portanto, temáticas caras ao autor brasileiro, como a da heterogeneidade dos sujeitos contemporâneos que vivem em uma sociedade violenta em que é corrente o esfacelamento dos valores, atestando, mais uma vez, a originalidade e a grandiosidade de Rubem Fonseca.

REFERÊNCIAS

- BARBIERE, Therezinha. *Ficções impuras*. Prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.
- BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *A Educação Pela Noite & Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- COUTINHO, Afrânio. *O erotismo na literatura: o caso Rubem Fonseca*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1979.
- FONSECA, Rubem. *Amálgama*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

- FONTANILLE, Jacques. Les formes de vie. *Recherches sémiotiques*. Semiotic Inquiry. Montreal, n. 13, 1993, p. 5-12.
- FONTANILLE, Jacques. *Formes de vie*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2015.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- GIUDICE, Victor. *Bolero*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. O belo gesto. Tradução de Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento. Revisão e notas de Matheus Schwartzmann. In: NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos; ABRIATA, Vera Lucia Rodella (Orgs.). *Formas de vida: rotina e acontecimento*. Ribeirão Preto: Coruja, 2014, p.13-33.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: modernismo*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MONTI, Tony. *Escritores e assassinos: urgência, solidão e silêncio em Rubem Fonseca*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.
- PÓLVORA, Hélio. *A força da ficção*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- PROENÇA FILHO, Domicio. *Pós-modernismo e literatura*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

Artigo recebido em agosto de 2020.
Artigo aceito em setembro de 2020.